

A PRESENTE CONJUNTURA NACIONAL

"Tout voir et tout comprendre est une grande raison d'incertitude." Mme. de Staël — De l'Allemagne

Cel. J. B. Magalhães (Da 1ª Classe da Res. do Ex.)

A presente conjuntura nacional constitui motivo de incerteza sobre o futuro. Parece-nos dominada por um complexo de circunstâncias e fatores de natureza contraditória. Lembra-nos uma peleja de forças de origem e sentido diversos: positivas umas; inertes ou negativas, outras. Umas, oriundas ou conseqüentes da natureza da terra; outras, residentes no homem que a habita.

Momentos há como agora, por nosso mal, que as negativas parecem preponderar, ameaçando de aniquilamento toda a estrutura da nacionalidade...

Das forças que residem no homem, as que lutando incessantemente pelo lógico aproveitamento da terra, a conservação e o progresso da nacionalidade, são positivas. Outras, opondo-se ao êxito destas por ignorância fundamental ou *imoralidade* inata, sem a compensação dos efeitos de uma conveniente cultura, são negativas, promovendo a corrupção dos costumes e das instituições. Via de regra, agitam a massa indecisa do corpo nacional para a desordem de que procuram tirar seu triste proveito.

Mas tudo isto se movimenta no quadro dos acontecimentos mundiais, dominado pelas irresistíveis tendências da civilização, da *revolução industrial*: melhor repartição por todos os homens dos benefícios da riqueza oriunda do trabalho coletivo da sociedade.

Hoje, ninguém mais ousa contestar a necessidade de se procederem às convenientes reformas para o al-

cance dêsse escopo, havendo porém, divergência quanto aos métodos a seguir.

Alguns, os comunistas liderados por Moscou e postos a serviço do *imperialismo* russo, sob o pretexto de as acelerar adotam processos violentos e com demasiada opressão das *liberdades individuais*, cuja máxima garantia é a finalidade precípua da civilização humana. Outros, pretendem conseguí-lo por evolução, vencendo de pouco em pouco, as resistências da *inércia social*, resultado da *ignorância de parceria com o egoísmo* dos melhores favorecidos pelas circunstâncias momentâneas.

Nesse quadro, o Brasil se encontra numa situação correspondente aos elementos retardados, que por não possuírem recursos naturais, notadamente *carvão de pedra abundante, bom e barato*, não puderam realizar progressos industriais sólidos e amplos, por conta própria. Encontra-se sobretudo *desorganizado*, notadamente no campo da política, pelas crises econômicas daí decorrentes e pela incompreensão de tais fatos do mundo moderno pela grande maioria de suas elites ou melhor de suas classes letradas. Mal servido por instituições democráticas, que se lhe não aplicam judiciosamente, em vista das condições de sua geografia e de sua evolução histórica e da precariedade de seus fundamentos econômicos, porque assentadas no sufrágio universal por *voto direto*, no qual os efeitos do voto não correspondem à capacidade de discernimento político dos votantes, vive

de crise em crise, cada vez mais grave. Disto, resulta que as preferências do eleitorado para a formação dos governos nacionais, recaem sobre os que melhor sabem engodar a ignorância e abusar das necessidades e sofrimentos das massas, com o conseqüente afastamento das posições do Estado da melhor gente. Corrompem-se deste sorte as suas hierarquias funcionais e se produz a hipertrofia do Estado, transformado mais em instrumento de explorar a Nação em benefício de alguns, do que utilizado como instituição destinado a assegurar a ordem e promover os progressos da nacionalidade. Ordem e progresso sempre ludibriados, quando invocados para basear a adoção de medidas públicas, que se reconhecem por necessárias, pelos indivíduos secundários ocupantes dos cargos relativos aos poderes do Estado e à direção da Administração.

Todavia, o Brasil tem progredido, embora *anarquizadamente* e cometendo erros sérios em sua marcha para o futuro, à custa, porém, de sacrifícios evitáveis. Tem progredido, mercê dos impulsos que lhe dão a sua gente sã e da resistência que alguns oferecem ao trabalho da desordem, o que testemunha a capacidade de ação de seu povo, visto globalmente.

A desajustada e difícil *conjuntura nacional presente* possui, em nosso modo de ver, dois fundamentos cardiais: as circunstâncias econômicas desfavoráveis oriundas da natureza do país; a *insuficiência cultural* das nossas chamadas *elites*. Mas, é sobretudo esta a responsável pelos erros econômicos praticados com a degenerescência da política. Falta-lhe vibratibilidade cívica e perfeito sentimento de suas responsabilidades em relação à coletividade nacional, para a defesa das nossas melhores conveniências. Ela é apática ou sonambúlica. Não se empenha dedicadamente em bem orientar e elucidar a opinião pública, deixando campo livre às manifestações dos insinceros, às mentiras dos mal in-

tencionados, à fancaria dos espertalhões e até às bobiees, não raro prevaescentes, de certos ingénios...

Na base de tudo estão, porém, as condições econômicas, que, no dizer de J. Lucio de Azevedo, condicionam o progresso e a decadência dos povos (*): "Para cada povo existe, como para os indivíduos, uma conta de Deve e Haver, que nos dá o quilate de suas prosperidades, é por onde cedo, até para os maiores impérios, os prodómos da decadência se denunciam".

Na maneira de tratar a vida econômica do país, está pois o ponto chave da capacidade política. E, porque o campo central da economia é o comércio, a aferição da capacidade política de um povo é feita pelo manejo do meio circulante de que esse comércio necessita, do seu principal instrumento de trocas: o dinheiro!

Isto faz ver quanto a nossa política monetária, de duas décadas a esta parte revela tremenda *incapacidade política*! Mais do que isto, fraca moral dos nossos legisladores e governantes, porque se fez inflacionária, isto é, *doentia*. Mais ainda. Faz constatar pela falta de reação das elites, a precariedade destas, isto é, da gente letrada de todos os grupos sociais, inclusive, as classes armadas!

De fato, tal política tem nos servido efetivamente só para enriquecer mais e mais os tubarões e criar o caldo próprio ao desenvolvimento do fermento comunista. Não é feita em vista do bem nacional. Só faz encarecer o custo da vida e com isto estimular tôdas as corrupções, a começar pela da produção do que é necessário à vida da sociedade, e a terminar pela dos costumes e mentalidades...

É coisa de que, a mais leve ponderação das ocorrências da vida nacional na última década, dispensa demonstração.

A *conjuntura nacional presente* é dominada pelo *inflacionismo monetário propositado*, fruto do imo-

(*) Épocas do Portugal Econômico.

ralismo de uns consorciado com a ignorância de outros.

É o grande problema a resolver agora. Dominá-lo será já o início da vitória da probidade sobre as indignidades... Sem o dominar nenhum outro problema, econômico, militar, ou educacional pode ter solução válida por medíocre que seja...

Mas, que se apercebe da importância disto para o bem da coletividade nacional e, dadas as circunstâncias atuais, a garantia de condições de vida de todos nós? Raros...

A base de uma política monetária de bom senso honesta e segura, quem pugna por isto? Pois não se vêem até os elementos militares aturdidos pela sofreguidão de receber mais dinheiro, embora valendo menos do que o que já recebem? Que querem dizer o viciosíssimo *Código de Vencimentos e Vantagens* abruptamente decretado, e essas recentes leis de favores pessoais que desconhecem por completo os significados e finalidade das instituições militares?

Admais, que se reflita. Um povo cuja vida encarece dia a dia, e a que faltam tranquilidade sobre o dia de amanhã, recursos de subsistência e de conforto mínimo, está prestes a explodir em reações de caráter apocalípticas ou a definir-se até a morte... Em tais condições, há ameaça de desagregação nacional...

Porque tais coisas ainda se não deram, muitos não querem ver o perigo... Fazem como o avestruz... Não vêem que o que nos tem valido são meras circunstâncias fortuitas, evitando a precipitação da crise máxima. Não vêem que a melhoria do comércio exterior, em virtude das compras extraordinárias feitas pelos Estados Unidos na previsão da terceira grande guerra, é que tem evitado desde já manifestar-se tremenda desordem!...

Temos produzido e vendido mais? Não. Temos recebido mais dinheiro porque vendemos mais caro. Temos vendido menos, como se vê do comércio internacional do café, elemento capital da economia brasileira. No período dos dez últimos meses, cujas estatísticas estão publicadas, vendemos mais, cerca de 3 milhões e 700 mil contos, e menos, cerca de outro tanto de sacas, porque o preço ascendeu de Cr\$ 548,00 para Cr\$ 1.056,00!

Que sucederá quando o preço baixar em virtude da diminuição da procura ou do aumento da concorrência?

Que atente a gente letrada, notadamente das classes armadas, para as características que dominam a presente conjuntura nacional, que se podem resumir dizendo ser *cultivo permanente da corrupção* através da corrupção do meio monetário circulante gerada pela fraca moralidade dos responsáveis pela coisa pública.

POLÍTICA DE BOM E MAU SENSO

Na Bélgica e no Brasil...

O "Bulletin d'Information et de Documentation", distribuído pelo Banco Nacional da Bélgica, abre o último exemplar que recebemos, relativo ao mês de novembro último, com minucioso estudo sobre as finanças do país, fundamentado no orçamento para o exercício de 1951. Reduzindo a despesa e aliviando também a receita, ao contrário do que ocorre no Brasil, onde ambas sobem incontinentemente, a primeira mais que a segunda, a Bélgica reentrou no regime dos "superavits" or-

çamentários, desde 1948. Os algarismos abaixo reproduzidos são eloqüentes:

ORÇAMENTOS DA BÉLGICA

EM MILHÕES DE FRANCOS

RECEITA

1945.....	20.743
1946.....	46.105
1947.....	47.041
1948.....	62.794
1949.....	67.124
1950.....	65.916
1951.....	63.852

DESPESA

1945.....	45.901
1946.....	45.213
1947.....	52.894
1948.....	61.964
1949.....	66.733
1950.....	64.767
1951.....	63.744

BALANÇO ORÇAMENTÁRIO

"SUPERAVIT" (+) OU "DEFICIT" (-)

Em milhões de francos

1945.....	- 25.158
1946.....	+ 892
1947.....	- 5.853
1948.....	+ 830
1949.....	+ 391
1950.....	+ 1.149
1951.....	+ 107

Os dispêndios baixam, após o exercício de 1949. A receita declina também, embora em gradação diversa. Eis as linhas fundamentais de um programa de restauração financeira, imprescindível à ordem econômica.

No Brasil, toma-se rumo diametralmente oposto. Quanto mais receita se pede aos contribuintes, mais se consome, sem qualquer intuito de moderação, ou de acertado e oportuno emprêgo dos recursos obtidos.

Não temos compromissos extraordinários com a defesa nacional. Não temos problemas de desemprego, fonte de preocupações e de responsabilidades sociais para o Estado.

Não temos encargos vultosos resultantes da manutenção de pensionistas de guerra. Não temos gastos com zonas devastadas. Vamos desperdiçando, malbaratando os meios fornecidos pela arrecadação, entregando a gestão de serviços industriais, de atividades econômicas, de patrimônios consideráveis à farândula dos chamados "amigos" do peito e afilhados preferidos.